

Ministério da Cultura e
Instituto de Arte Contemporânea
apresentam



regina
modus operandi
silveira

Curadoria
Agnaldo Farias

Regina Silveira

modus operandi ou sobre o cálculo das ausências

Esta não é uma exposição comum, não se resume à reunião sintética de alguns dos principais trabalhos que nossa grande artista realizou ao longo de décadas. São poucos, mas vêm acompanhados do processo de concepção; seu modus operandi, expresso por meio de maquetes, esquemas, estudos, esboços que os engendraram. De um modo geral as exposições trazem os produtos acabados, irretocáveis, deles expurgando os passos complexos, os desvios e deformações que os levaram a existir. Regina Silveira vem ao IAC para desvendar seu processo de trabalho, coloca-o sobre a mesa, à vista de todos. Traz suas sombras e, com elas, os mapas, os cálculos exatos, seus geradores.

Sombras referem-se a ausências. Tentando entender o nascimento do desenho, Plínio, o Velho, em sua *História Natural*, escrita entre 77 e 79 d.C., arrisca sua gênese na lenda de Cora: triste com a partida iminente de seu amado para o estrangeiro, a jovem Cora risca na parede o contorno da sombra dele. A sombra como signo de ausência; contraditoriamente, quanto mais nítida, mais presente. Como acontece com a obra *Transitório/Durévole – Carta a Mirella* (1998), em que a silhueta da amiga italiana de Regina ganha volume, corre pelo chão, expande-se pela parede, empunha um livro real, ao lado da carta, uma das trocadas pelas duas.

Também porque se fundam em ausências as sombras ativam a imaginação, têm um quê de fantasmagórico, espantoso, assustador. (Lembra-se, quando pequenos, submersos na penumbra, antes de dormir ou subitamente acordados, fechávamos os olhos com força?)

Os objetos são anteparos da luz, sua limpidez contrasta com o negrume e frescor das sombras. O mesmo dá-se com nosso esforço em compreender alguma coisa ou fato, traduzido na expressão: “lançar luz sobre algo”. Pois, por maior que seja nosso empenho em desvendar algo, ele esbarrará nas sombras que se desdobram dele. João Cabral de Melo Neto fez essa associação entre luz e mistério em seu poema *A palo seco*, dedicado à modalidade de canto flamenco entoado à capela, com a voz desacompanhada, sem o apoio de instrumento:

[a palo seco]
é um cante que exige
o ser-se ao meio-dia,
que é quando a sombra foge
e não medra a magia.

Carlos Drummond de Andrade tangenciou o tema ao intitular um de seus livros de *Claro enigma*. Para o bem e para o mal, sombra limita-se com mistério. O pintor italiano Giorgio de Chirico exaltava em suas telas as sombras crepusculares, sombras longilíneas, índices da inacessibilidade

de tudo o que existe. A porção intangível, inescrutável das pessoas e coisas, o irracional e o fantasioso constitutivo de tudo, até do mobiliário doméstico, equivocadamente compreendido como ordinário – mesas, cadeiras, ventiladores, facas. Não existe nada simples.

Tornada artista durante o longo período da ditadura, duas décadas turvando a vida pública brasileira, Regina Silveira também foi assediada por perigos invisíveis. O pânico persecutório instaurou-se entre nós, a artista acostumou-se a ler nas entrelinhas, o que está por trás das coisas, das ações, ocultado pelas aparências, incluindo as mais dignas e respeitáveis. O olhar sagaz da artista talvez sequer precisasse disso. Sempre foi sabedora de que as coreografias cotidianas são construídas, e programados são nossos gestos e atitudes. Nossas famílias, nossas casas, escolas, ruas e cidades cuidam desse adestramento, sobretudo no auge da ditadura, quando os encontros entre mais de três pessoas eram vistos com desconfiança e dispersados pelos policiais à paisana que de súbito irrompiam.

Regina Silveira atualiza a dimensão da violência, como a Bala de prata, uma dobra entre a violência e o signo da violência. E não são a mesma coisa? Pássaros soturnos rondam-nos. Insetos e pragas insinuam-se por nossas casas pretensamente limpas, algumas até o ponto da assepsia. E que não se pense tão bem de nós, afinal somos apenas uns bichos, como os abutres revoando acima e por dentro de labirintos letais.

Mais ou menos deformadas, as sombras em Regina Silveira aludem a diversidade de pontos de vista. Mais ainda: a diversidade daquilo que o senso comum afirma ser real. Tudo é produto do discurso, camadas de discurso vão se sobrepondo; tecidos que se esgarçam ou em que, pelas tramas, entreveem-se outros tecidos, outros discursos. Um sobre o outro, como o bordado de ponto cruz aplicado sobre a fachada de vidro do prédio. Onde acaba um e começa o outro?

A artista empreende o cálculo metódico, diligente, exato do discurso visual; toma para si o papel milimetrado, um dos suportes preferenciais do desenho mecânico e civil, para traduzir ao plano bidimensional excertos do mundo tridimensional. Revira, ajusta o desenho, como que vai testando sua plasticidade até chegar ao ponto que lhe satisfaz. Uma vez atingido, o trabalho muda de estado: tendo partido da compreensão da profundidade do mundo, posteriormente reduzido à dimensão planar, o desenho cresce novamente, agora transposto para um tapete, para um desenho despejado pelo chão capaz de atacar uma parede, até aqueles que recobrem o volume de um prédio. Nesse processo, as ausências convertem-se em presenças maiúsculas, tão ou mais impactantes e convincentes do que os objetos, corpos humanos, bichos e insetos que lhes serviram de fontes.

Agnaldo Farias

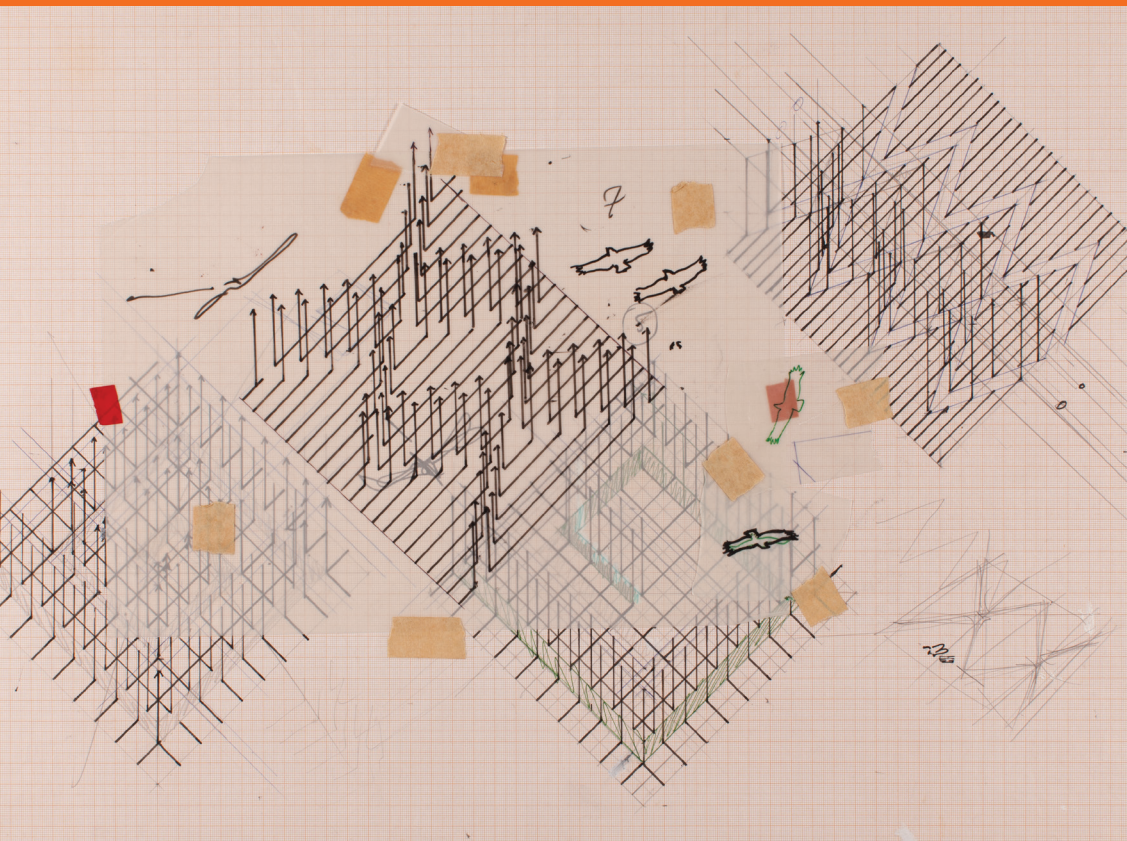
Sobre o IAC

Raquel Arnaud fundou o Instituto de Arte Contemporânea em 1997 visando preservar e disponibilizar para pesquisa uma ampla coleção de documentos relacionados à trajetória e à obra de artistas visuais brasileiros.

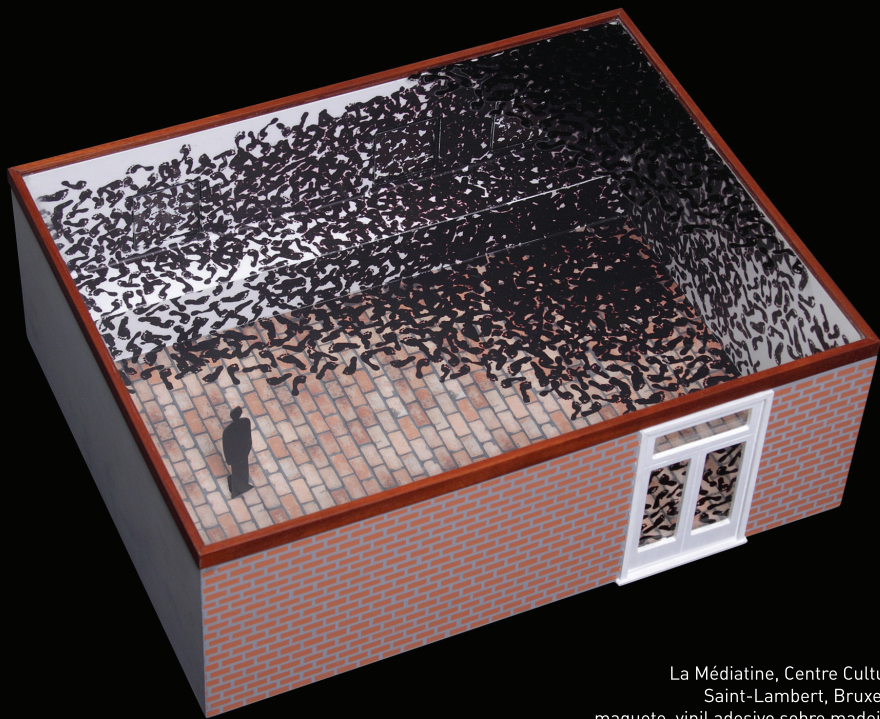
Com cerca de 100 mil itens atualmente, a coleção se compõe de estudos, cadernos de anotações, projetos, protótipos, fotografias, fotogramas, cartas, documentos pessoais e materiais gráficos, entre outros formatos que compõem o arquivo de artistas, arquitetos e galerias de arte. Um vasto conjunto que permite ao público conhecer a vida e o processo de criação desses artistas, bem como suas relações com os movimentos artísticos em diferentes períodos.

Os artistas Amilcar de Castro, Antonio Dias, Carmela Gross, Hermelindo Fiaminghi, Iole de Freitas, Ivan Serpa, Lothar Charoux, Luiz Sacilotto, Paulo Bruscky, Regina Silveira, Rubem Ludolf, Sergio Camargo, Sérvulo Esmeraldo, Ubi Bava, Waltercio Caldas e Willys de Castro; os arquitetos Jorge Wilhelm e Gregori Warchavchik; a Petite Galerie de Franco Terranova e a Galeria Raquel Arnaud são os acervos que fazem parte do IAC até o momento. A cada ano, novas coleções são incorporadas.

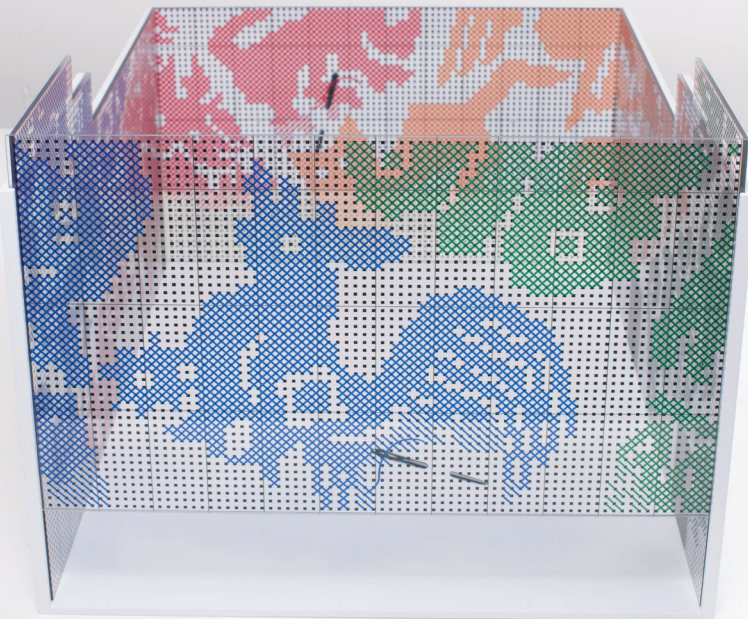
Além de ser um centro de documentação e pesquisa, o IAC oferece ao seu público exposições, cursos, seminários, ações educativas voltadas para escolas públicas com enfoque em inclusão social e acessibilidade, bolsas de formação em conservação, pesquisa e educação patrimonial.



Corredores para Abutres –
desenho preparatório, 1982
lápiz e caneta sobre
papel milimetrado



Intro, 2005
La Médiatine, Centre Culturel Woluwe
Saint-Lambert, Bruxelas, Bélgica
maquete, vinil adesivo sobre madeira e acrílico



Sueño de Mirra, 2014
Exposición Sueño de Mirra
y otras Constelaciones –
Museo Amparo,
Puebla, México
maquete,
vinil adesivo
sobre madeira
e acrílico

Exposição

Regina Silveira – modus operandi

Concepção

Regina Silveira

Acervo

Regina Silveira e IAC

Produção Executiva

Carla Ogawa | Duk Produção

Design

Homem de Melo & Troia Design

Créditos fotográficos

Estúdio Regina Silveira

Visitação

22 de março a 26 de julho de 2025

terça a sexta, 11h às 17h

sábados e feriados, 11h às 16h

Núcleo de Documentação e Pesquisa - NDP

terça a sexta, 11h às 17h

mediante agendamento

contato@iacbrasil.org.br

IAC

Instituto de Arte Contemporânea

Av. Dr. Arnaldo, 120/126

Pacaembu | São Paulo - SP

www.iacbrasil.org.br

entrada gratuita

local acessível

PATROCÍNIO
[SPONSORSHIP]

EDUCATIVO
[EDUCATIONAL]

REALIZAÇÃO
[ORGANIZATION]



J.P.Morgan



MINISTÉRIO DA
CULTURA



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO